

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO  
CURSO DE PEDAGOGIA

Elizabete Enedina de Souza

**As “Boitatinhas”:**

Experiências com o Boi de Mamão nas Histórias de Vida de Educadoras

Florianópolis

2022

Elizabete Enedina de Souza

**As “Boitatinhas”:**

Experiências com o Boi de Mamão nas Histórias de Vida de Educadoras

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia.  
Orientadora: Profa. Roselete Fagundes de Aviz, Dra.

Florianópolis

2022

### Ficha de identificação da obra

Souza, Elizabete Enedina de Souza  
As "Boitatinhas" : Experiências com o Boi de Mamão nas Histórias de Vida de Educadoras / Elizabete Enedina de Souza; orientador, Roselete Fagundes de Aviz, 2022.  
47 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Graduação em Pedagogia, Florianópolis, 2022.  
Inclui referências.

1. Pedagogia. 2. Histórias de Vida. 3. Boi de Mamão. 4. Escrivência. 5. Pesquisa Autobiográfica. I. Fagundes de Aviz, Roselete . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Pedagogia. III. Título.

Elizabete Enedina de Souza

**As “Boitatinhas”:**

Experiências com o Boi de Mamão nas Histórias de Vida de Educadoras

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciada em Pedagogia” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Pedagogia.

Florianópolis, 29 de julho de 2022.

---

Profa. Patrícia de Moraes Lima, Dra.  
Coordenadora do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Profa. Roselete Fagundes de Aviz, Dra.  
Orientadora, UFSC

---

Profa. Mônica Teresinha Marçal, Dra.  
Avaliadora, UDESC

---

Profa. Jocemara Triches, Dra.  
Avaliadora, UFSC

---

Profa. Rosilene de Fátima Koscianski da Silveira, Dra.  
Suplente, SED-SC

## AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que estiveram comigo nesta trajetória e que contribuíram para estemomento, venho hoje agradecer. Pessoas que caminharam comigo, pessoas que me ajudaram e até mesmo as que não me incentivaram, mas que de alguma forma contribuíram.

A meu pai, Acelino Pedro de Souza (*in memoriam*) que me proporcionou meu alicerce. À minha mãe Enedina de Souza, que, de sua maneira, me ofereceu o melhor caminho. A meus filhos, a meus irmãos, e sobrinhos.

Neste momento, não poderia deixar de agradecer às minhas companheiras de jornada, as que estiveram comigo e as que tiveram participação especial, todas com grandes obras, as que me enlouqueceram, as que me ensinaram e as que me acompanharam por todo este caminho.

Neste momento também não poderia deixar de parabenizar e agradecer aos grandes professores que foram cruciais para que eu pudesse estar aqui com o coração repleto de alegria. Agradeço, principalmente à professora Jocemara Triches, por acreditar em meu potencial e fazer grandes contribuições à minha trajetória acadêmica. À professora Roselete Aviz por confiar em mim e me fazer acreditar que sou capaz, aceitando o desafio de me orientar. À professora Mônica Teresinha Marçal porque se dispôs a me coorientar, caso fosse necessário, mesmo não sendo minha professora oficialmente. Entre outros professores que merecem este destaque com carinho.

Gostaria de agradecer também aos educadores que participaram com suas contribuições para que este momento chegasse, principalmente às professoras que responderam minha carta-pesquisa, contribuindo para a realização deste trabalho.

Por fim, agradeço a todas as forças espirituais que me acompanham em todos os momentos de minha vida e neste que é muito especial para a minha realização pessoal e profissional.

## RESUMO

A pesquisa teve como proposta investigar como as histórias de vida de educadoras que tiveram experiência com o boi de mamão em sua trajetória ressignificaram/ressignificam sua prática pedagógica. A partir de um estudo teórico, a pesquisa estabelece diálogos com minha trajetória de vida pessoal, refletindo sobre o potencial da pesquisa Autobiográfica/História de Vida para a Educação. A metodologia pautou-se em uma coleta de narrativas por meio de cartas, representadas pelas histórias de vida de educadoras que tiveram a experiência com o boi de mamão na infância/adolescência. O estudo considera que, em relação à educação escolar, as histórias necessitam ser ao mesmo tempo contadas e vividas. Nesse sentido, defendo a importância de que, desde a formação inicial das(os) educadores, elas(eles) possam contar suas histórias, escrevendo com sua própria voz e com suas próprias palavras: *Escrevivência*. Essa atitude pode assegurar possibilidades de pertencimento e diversidade de aprendizagens que articulam a voz, a experiência, a arte e a vida.

**Palavras-chave:** Pesquisa Autobiográfica; Histórias de Vida; Boi de Mamão; Escrevivência; Formação Inicial de Professores.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Símbolo do Boi de Mamão Petinho. ....	18
---	----

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1: Categorização de questões evidenciadas nas respostas das cartas.....	39
--	----



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO: Escrevivências para a Educação.....</b>	<b>15</b>
1.1	A HISTÓRIA DO BOI DE MAMÃO E O BOI DE MAMÃO PETINHO .....	17
1.2	OBJETIVOS.....	22
<b>1.2.1</b>	<b>Objetivo Geral .....</b>	<b>22</b>
<b>1.2.2</b>	<b>Objetivos Específicos .....</b>	<b>22</b>
1.3	ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.....	22
<b>2</b>	<b>NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS/HISTÓRIAS DE VIDA.....</b>	<b>24</b>
<b>3</b>	<b>CONSTRUINDO UM CAMINHO METODOLÓGICO .....</b>	<b>28</b>
3.1	A ESCRITA DE CARTAS COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA E REGISTO EM HISTÓRIA DE VIDA.....	30
<b>4</b>	<b>VIMOS POR MEIO DESTA: Experiências com o Boi de Mamão nas Histórias de Vida de Educadoras .....</b>	<b>32</b>
4.1	CARTA 1: SOL.....	32
4.2	CARTA 2: ESTRELA .....	36
4.3	CARTA 3: CÉU.....	37
4.4	CARTA 4: LUA .....	38
4.5	CATEGORIZAÇÃO .....	39
4.6	CONSIDERAÇÕES SOBRE AS NARRATIVAS DAS EDUCADORAS .....	40
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>50</b>

## 1 INTRODUÇÃO: ESCRIVIVÊNCIAS<sup>1</sup> PARA A EDUCAÇÃO

“[...] eles mentiram, não existe separação entre vida e escrita.”  
**Glória Anzaldúa**

Eu sou uma mulher negra que, como muitas, lançam diariamente no mundo suas memórias, vozes, realidades e ações, “somos sementes”, uma plantação inteira, que invocam suas histórias para mostrar à sociedade suas lutas para estarem aqui vivas e prontas para tudo que a vida ainda lhes possa apresentar.

Me chamo Elizabete Enedina de Souza, tenho 47 anos, nascida em Florianópolis, terceira filha de quatro filhos, tive uma infância tranquila e ao mesmo tempo conturbada no que se tratava de escola. Não era uma boa aluna, pois tive e ainda tenho muitas dificuldades com as letras. Acredito que muitas vezes fui incompreendida nessa minha inabilidade, de forma que achavam que era má vontade, mas na verdade eu não era ouvida, pois o professor, a professora, sempre tinham razão. Eu era chamada de “burra”, retardada, cega, quatro olhos, etc.

Quando entrei na primeira série, a palmatória foi extinta, mas ainda cheguei a experimentá-la, esticávamos a mão, e a professora dava com uma régua de madeira com força, independentemente do que tivéssemos feito. Experimentei também ajoelhar no milho no canto da sala e até cheirar a parede. Não gostava do Português, mas amava a Matemática. Reprovei na primeira série uma vez e na sexta, por três vezes. Eu simplesmente não gostava de estudar. Nas aulas de Português, não entendia porque a professora só passava verbo o ano todo: verbo emais verbo. Acho que essa é uma razão de eu achar que não sei escrever. Perdi muito tempo da minha vida escolar sem a experiência da escrita que deveria fazer por mim mesma, com as minhas próprias palavras, com a minha própria voz. Queria muito sair da escola, mas minha mãe nunca permitiu. Tinha que me formar no ginásio, depois eu poderia sair. Isso aconteceu, me formei na oitava série e saí de casa, fui trabalhar em casa de família, de empregada doméstica, quando decidi voltar para a escola e fiz até o segundo ano. Então voltei para casa de meus pais e continuei trabalhando por mais algum tempo como babá.

Entre idas e vindas, conheci o pai do meu filho, com mais ou menos dezoito anos, e fui morar com ele na casa da minha cunhada. Lá, fiquei por quatro anos, até ela se mudar para um

---

<sup>1</sup> No sentido de Conceição Evaristo: “Escrevivências: escrever, viver, se ver” (EVARISTO, 2011, p. 10).

outro bairro. Então voltei a morar com minha família e o pai do meu filho. Nessa época, brigava muito com meu pai, pois ele não aceitava meu relacionamento. Ainda assim, engravidei e morei com o pai do meu filho por um ano e três meses. Então me separei e voltei para o mercado de trabalho no momento em que meu filho completou três meses.

Nessa ocasião meu pai já não saía muito de casa, e meu filho, quando não tinha atendimento na creche, ficava com minhas irmãs e minha mãe. Era um tempo em que eu não falava muito com meu pai, mas minha mãe contava que ele brincava com meu filho de boi de mamão, meu pai gostava muito dessa brincadeira. Porém, quando eu chegava, ele mandava meu filho para casa, dizia que não gostava dele só para fazer birra comigo.

Meu pai era muito engraçado, dizia para minha mãe, em nossa infância, “pode deixar que vou brigar com eles, Enedina, antes de eles irem dormir,” quando ela contava sobre alguma travessura dos filhos. Minha mãe esperava, esperava e nada, ele dormia ou fingia que dormia, e nada de brigar conosco por ter feito coisas erradas.

Meu pai gostava muito de cantar e contar histórias. Lembro que escutava com atenção para não perder nenhum detalhe de suas histórias. Às vezes, ficávamos cantando até muito tarde. Ele inventava músicas e tocava pandeiro. Junto a tudo isso, contava suas aventuras, de quando saía para caçar com seus amigos de serviço. Muitas vezes, eu ficava esperando ele chegar, ele trazia para casa alguns animais mortos que ele mesmo preparava e eu comia com ele. Minha mãe às vezes dizia: “não dá isso para as crianças!”. Mas ele dava e contava como tinha pegado cada animal. Ríamos muito de todas as aventuras que ele contava. Nessa época, nós não tínhamos televisão, a tv chegou bem depois em nossa casa. Mas eu e minhas irmãs brincávamos de teatro, gastávamos pasta de dente para pintar o rosto, e meu pai só ria, e minha mãe... Minha mãe brigava, mas ele dizia: “deixa as meninas brincarem!”

No bairro onde nasci, e ainda moro, há muitas histórias sobre meu pai. Ele era quase que uma figura folclórica, pois, por onde passo, ouço uma história diferente a respeito dele. Entre todas as histórias que ouvi, a que eu mais gosto é a de que um dia ele viajou para o Rio de Janeiro com o boi de mamão, e no dia em que teve que voltar, ele não quis, ficou curtindo aboemia de lá. Então, o grupo com quem ele tinha ido deixou ele para trás com alguns bichos do boi de mamão, e ele perdeu, assim, sua carona de volta. A história é que, para poder ficar lá e ter como retornar, ele vendeu os bichos e voltou para casa sem nada, feliz da vida.

Infelizmente, meu pai faleceu aos cinquenta e sete anos, com cirrose. Apesar da sua morte, eu continuei tendo uma admiração enorme por ele, principalmente pela grande riqueza cultural que ele nos proporcionou: a experiência com o boi de mamão desde a nossa infância.

## 1.1 A HISTÓRIA DO BOI DE MAMÃO E O BOI DE MAMÃO PETINHO

O boi de mamão é uma das brincadeiras de maior atração popular de Santa Catarina. Conhecido também como boi-de-pano, existe no folclore brasileiro com os nomes mais diversos: bumba-meu-boi, boi bumbá, boi pintadinho, boi-de-reis, boi-de-cara-preta, boi calembra. Antigamente, mesmo aqui em Santa Catarina, a brincadeira era conhecida como Bumba-meu-boi, depois passou à boi-de-pano. Mas conta-se que certa vez, com a pressa de fazer a cabeça do boi, foi usado um mamão verde, o que o levou a denominar-se boi-de-mamão. O nome se manteve até hoje, embora seja boi com cabeça de todos os tipos, até mesmo de boi, menos de mamão. Há quem contrarie essa versão, dizendo que o nome boi-mamão vem do boi de mama. Segundo Soares (2006) João Constâncio Vieira, conhecido como João do Boi, nos dá até o nome das mães das crianças e o lugar onde, pela primeira vez, no seu entender, fizeram o primeiro boi com a cabeça do boi de mamão verde. Naturalmente, João Constâncio Vieira desconhecia os registros de José Boiteux, que já havia assinado a presença do boi-de-mamão em 1971. Além de João do Boi, outros responsáveis pelo cultivo da brincadeira foram Cipriano, Zé Gancheiro, Zé Constâncio, seu pai Malaquias, Amâncio e seu sogro. O seu boi era o mais afamado das redondezas, percorrendo o continente e a ilha. (SOARES, 2006).

Esta manifestação cultural, caracterizada como brincadeira do boi de mamão, acontece com a participação de alguns integrantes como o violeiro, o pandeirista, o gaiteiro e o vocalista que narra toda a trajetória do boi e dos demais personagens.

Devido ao aprendizado com meu pai, o boi de mamão, no percurso da minha infância, sempre esteve muito presente nos finais de semana e em saídas com a família durante os períodos em que estavam acontecendo a festa. Recordo-me de vivenciar esta festa e até mesmo de brincar com e nos animais e personagens folclóricos que são eles: boi, o cavalo, a cabra, o macaco, o urso, o cachorro, o urubu e bernúncia, o jaraguá e a maricota. Embora existam os animais reais, como o boi, o cavalo, a cabra, o macaco, o cachorro, o urso, o urubu, estes são representados com o uso de fantasias, e a grande maioria estão presentes em nosso território, com exceção do urso, que é característico do hemisfério norte americano. Os bichos mais emblemáticos, principalmente por não fazerem parte de uma realidade concreta, são a bernúncia, o jaraguá e a maricota. A bernúncia é uma mistura de dragão com cobra e com a boca de jacaré, que devora tudo que lhe dão e remete a ideia de um bicho papão, ou seja, aquele que come tudo. O jaraguá é o filhote da bernúncia. Já a maricota é representada por uma boneca

bem alta e magra (que lembra um pau de fita). Ela é bonita e elegante, tem bochechas e nariz avermelhados e usa roupas coloridas, sendo que na cultura florianopolitana a maricota é representante das moças rendeiras.

Lembro-me que minha primeira vez em uma brincadeira de boi de mamão foi com mais ou menos sete anos, dentro de um urubu. Achei aquela experiência maravilhosa, por poder não somente assistir, mas participar da brincadeira. Depois da primeira vez, brinquei com muitos bichos até adulta.

Em homenagem a meu pai, Acelino Pedro de Souza, em 2004, meu irmão criou um boi de mamão no bairro João Paulo, com o intuito de tirar a garotada da rua, com o nome de Boi de Mamão PETINHO, como meu pai era chamado. As crianças, com a ajuda dos adultos, construíram todos os animais nesta primeira versão. Foram meses de preparação e trabalho árduo para desenvolver o enredo do boi de mamão e seu figurino. E, em maio de 2004, no Dia das Mães, as mães foram presenteadas com a primeira apresentação.

Figura 1: Símbolo do Boi de Mamão Petinho.



Fonte: Elaborado pela Autora (2022)

O mérito do Boi de Mamão Petinho foi reconhecido em congressos, feiras, intercâmbios, em todo o estado de Santa Catarina e também em outros estados. Porém, passados quatro anos de sua criação e atuação, em 2008, a sede do Boi de Mamão sofreu um incêndio que veio a destruir e/ou danificar todo o figurino do folguedo, com exceção da Maricota. Sendo assim, somente em 2010, o Boi de Mamão Petinho retomou suas atividades, o folguedo<sup>2</sup> fez sua reestreia em dezembro de 2010, no Largo da Alfândega, no encontro de bois de Norte a Sul. Hoje, esse tão importante Boi de Mamão continua atuante e participa como membro do Conselho de Bois de Mamão de Santa Catarina, criado em 2020.

<sup>2</sup> Festas populares de espírito lúdico que fazem parte do folclore brasileiro. Os folguedos são formados por aspectos culturais dos diversos povos que constituem a identidade brasileira.

Penso ser importante contar essa história como parte da minha, pois ter o boi de mamão na minha infância teve muitos significados, não somente como brincadeira, mas também como respeito a tudo que meu pai me ensinava.

Embora o Boi de Mamão Petinho tenha sido muito presente na minha vida, principalmente como parte dos ensinamentos do meu pai, eu nunca assisti, nem pratiquei o boi de mamão na escola, como meu pai considerava importante. Ficava sempre fora dos muros da escola.

Por um bom tempo vivi sem me importar muito com a escola e voltar para ela sempre ficava em segundo plano. Mas, quando minha filha se formou no segundo ano do Ensino Médio, ela falou: “você prometeu que iria voltar a estudar!”. Então, para cumprir minha promessa, voltei a estudar e me formei no Magistério com muita luta, pois estava em um relacionamento abusivo, no qual tinha medo do meu ex-companheiro. Esse relacionamento durou mais um tempo e, depois de muitos acontecimentos, ainda encontrei força para continuar, principalmente para cumprir a promessa que tinha feito à minha filha.

Entre no Magistério, me formei e, após minha formatura, fiz concurso para a Prefeitura de Florianópolis. Minha irmã fez minha inscrição, e eu passei para professora auxiliar da Unidade de Educação Infantil Morro da Queimada. O interessante nesta história é que ela fez minha matrícula errada, era para auxiliar de sala, mas fui ser professora. Depois não quis continuar com medo das avaliações, podia não conseguir dar conta, assim passei a ser auxiliar desde então.

Já trabalhando como auxiliar de ensino, meu filho reclamou que estava cansado e que ficaria um ano sem estudar. Conversamos muito sobre o assunto, porque eu não admitia que ele parasse. Ele, então, me desafiou com a seguinte proposta: “volta a estudar pra ver como é difícil estudar e trabalhar.” Então aceitei o desafio propondo que fizéssemos um cursinho pré-vestibular juntos.

Fizemos o vestibular da UFSC, e ele passou para História e eu, para Pedagogia. Lembro-me que ele não se inscreveu nas cotas e fiquei muito brava. Ainda assim passei, não sabia como funcionavam as cotas, lembro-me de ter ouvido na época algo como, “agora entra qualquer um na UFSC,” “com cota, todos conseguem,” “vai fazer faculdade agora com quarenta anos pra quê?,” “quando que vai se formar?”

Posso dizer que agora falta muito pouco. E escrever este TCC é um dos últimos desafios, principalmente porque a escrita tem sido um problema em minha vida, desde a idade escolar, como expliquei ao começar minha história. Terminar o curso de Pedagogia será uma grande

conquista, de forma especial porque, hoje, com todo trabalho em uma Unidade de Educação Infantil, gosto muito daquele lugar, me identifico, sou muito ouvida e chamada para resolver algumas situações. Minha formação é o que mais importa para continuar minha história de superação.

Escrever este trabalho, partindo da minha história de vida e colocando o boi de mamão como figura fundamental na educação das crianças é talvez um esforço de dar continuidade a estes momentos de aprendizado, porque cada demanda, cada nota construída, cada experiência já vivenciadas em meus anos de atuação na escola, mesmo como professora auxiliar, foram momentos importantíssimos para o meu desenvolvimento profissional e para a minha compreensão sobre como ações culturais e artísticas, como o boi de mamão, podem atuar na comunidade escolar e como essas ações sobrevivem. Assim, o interesse na realização deste trabalho nasce da minha história de vida, mas também da minha trajetória como professora auxiliar em uma escola de Educação Infantil.

Entendendo o meu papel dentro da escola de Educação Infantil, decidi elaborar um TCC que dê continuidade às histórias de folguedos, como o boi de mamão: sou fruto dessa experiência desde o quintal da minha casa na infância, logo, devo, na minha compreensão, devolver todo o conhecimento adquirido escrevendo (com) e sobre eles, pois são a minha história. Nossas histórias são nossas escritas inseparáveis da vida, como nos lembra a epígrafe escolhida para este capítulo.

Pensar em um trabalho que traz como fio condutor trajetórias de vida pode nos mostrar que essas histórias são repletas de conteúdo, mas também de estigmas, preconceitos, situações subalternas, sobretudo com relação ao sistema escolar, como já mencionado acima, principalmente quando se trata da criança negra. E são essas reflexões que me possibilitam pensar sobre o debate do lugar de mulher negra hoje, especialmente no Brasil. Nossas histórias são um recorte desse mundo, no qual nós, mulheres negras, somos lançadas e sobrevivemos. Nesse sentido, é importante pensar nossa história como *escrevivência* (EVARISTO, 2017). Segundo essa pensadora e escritora: “a escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita de mulheres negras. Esta escrevivência não está relacionada a um eu que busca o autoconhecimento, mas a uma escrita de nós, uma escrita que busca a afirmação da minha pertença negra e a celebração da minha ancestralidade ” (EVARISTO, 2020, p. 10).

Nesse sentido, as *escrevivências* apontam para o mergulho nas subjetividades negras, lugar não confortável, como mostrei em partes da minha história, mas são lugares necessários para a reflexão. *Escrevivência* é dor; mas também amor. A *escrevivência* traz à tona memórias e dá condição à voz, faz emergir a realidade não de um “eu”, mas de um “nós”: mulheres na

sociedade – potencializando sua saída de lugares de subalternidades em direção a espaços de fortalecimento. Partir da minha própria história significa conhecer as mulheres negras por meio das suas trajetórias de vidas, acreditando que elas elaboram e praticam conhecimentos, os quais são transmitidos de geração em geração como parte das práticas de socialização.

Para encerrar este texto inicial, não posso deixar de falar que tenho uma neta. Costumo dizer que ela é de órgãos, pois não é só de coração, e sim de pulmões, fígado e de muito amor. E esse amor quero passar a ela de muitas formas, uma delas é contando a história de uma avó preta e a importância dos seus ancestrais, uma vez que, segundo Munduruku (2002, p.24):

[...] Somos a continuação de um fio que nasceu há muito tempo... vindo de outros lugares... iniciado por outras pessoas... completado, remendado, costurado e... continuado por nós. De forma mais simples, poderíamos dizer que temos uma ancestralidade, um passado, uma tradição que precisa ser continuada, costurada, bricolada todo dia (MUNDURUKU, 2002).

Por tudo isso, minha história de vida: o Boi de Mamão Petinho, é a ponta do novelo que alinhava este trabalho e que justifica a escolha da temática, o qual parte da seguinte problemática: como as histórias de vida de educadoras que tiveram experiência com o boi de mamão em sua trajetória resignificaram/ressignificam sua prática pedagógica?

A partir dessa questão, nas seções abaixo, descrevo o objetivo geral e os objetivos específicos desta pesquisa. Quando pensei em fazer esta investigação, o que me moveu foi o impulso de trazer questões as quais foram me auxiliando na ampliação da minha consciência sobre a importância de relatar experiências vividas. A vida de meu pai me chamou atenção, pois apontava uma espécie de invocação, aquela vontade e necessidade de depositar a palavra no papel. Surge esta certeza de que materializar, organizar e fazer circular histórias de vida que trazem as experiências com o boi de mamão na infância ou adolescência era importante, pois são histórias que precisam ser ao mesmo tempo contadas e vividas.

Assim, cheguei aos seguintes objetivos para este trabalho, descritos a abaixo.



## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo Geral

O **objetivo geral** desta pesquisa é investigar como as Narrativas Autobiográficas/Histórias de Vida de educadoras que tiveram experiência com o boi de mamão em sua infância/adolescência ressignificaram/ressignificam sua prática pedagógica.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- Registrar, interpretar e ampliar a compreensão sobre a pesquisa narrativa, enunciando histórias de vida de educadoras, especialmente, as que tiveram experiência com o boi de mamão;
- Reconhecer a Narrativa Autobiográfica – História de Vida – por meio da escrita de cartas, como um valioso método de pesquisa;
- Refletir e contribuir para o processo de fortalecimento cultural e artístico nos espaços de educação básica.

## 1.3 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Diante dos objetivos anteriormente mencionados, consideramos necessário frisar que a **perspectiva metodológica** desta pesquisa se pautou na definição de uma coleta de base por meio de cartas, representada pelas Histórias de Vida, também denominadas como Narrativas Autobiográficas, de educadoras que tiveram experiência com o boi de mamão em sua infância e/ou adolescência. As cartas foram enviadas a dez educadoras(es) da educação básica. Recebemos quatro respostas, todas de mulheres. Sendo assim, são as histórias dessas mulheres que fizeram, efetivamente, parte do corpus desta pesquisa.

Dessa forma, o trabalho está assim organizado: neste **primeiro capítulo** situamos e esboçamos o percurso da pesquisa.

No **segundo capítulo**: “Narrativas Autobiográficas/Histórias de Vida”, apresentamos as perspectivas teóricas deste trabalho a fim de provocar um pensar reflexivo sobre as Narrativas Autobiográficas/Histórias de Vida.

No **terceiro capítulo**, intitulado “Construindo um caminho metodológico”, apresentamos uma revisão bibliográfica que forneceu elementos para a reflexão acerca das Narrativas Autobiográficas/Histórias de Vida como metodologia de pesquisa, observando e sistematizando conhecimentos a partir da perspectiva de autoras e autores que pensaram nessa problemática.

No **quarto capítulo**: “Vimos por meio desta – experiências com o boi de mamão nas histórias de vida de educadoras”, são expostas quatro cartas-resposta das participantes desta investigação. O capítulo tem como a finalidade apresentar as cartas como instrumento de pesquisa para, a partir delas, provocar um pensar reflexivo sobre as histórias de vida que trazem, em sua constituição, experiências com o boi de mamão. Ainda nesse capítulo, mostramos as “Considerações sobre as narrativas das educadoras”. Nessas considerações, apresentamos alguns aspectos que pensamos serem coerentes à problemática desta pesquisa, a partir da *categorização de questões que se evidenciaram nas respostas das participantes* para escutar com atenção de que forma suas experiências com o boi de mamão na infância/adolescência resignificaram/ressignificam sua prática pedagógica.

Nas **Considerações Finais**, refletimos sobre como, a partir da minha própria história: *escrivência*, pude conversar com as histórias de vida de outras educadoras e de que forma ia me constituindo como pesquisadora nesse processo. Defendemos a temática desta pesquisa como algo aberto que abre caminho para muitas outras investigações as quais elegem a vida e as histórias de professoras e crianças como algo importante à Educação

## 2 NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS/HISTÓRIAS DE VIDA

Este capítulo tem como finalidade provocar uma reflexão sobre as Narrativas Autobiográficas/Histórias de Vida, já que essas são um dos principais focos desta investigação. As Narrativas Autobiográficas, também chamadas Histórias de Vida, são caracterizadas, conforme Nóvoa (1992), por seu viés pessoal e subjetivo, fazendo parte tanto da nossa trajetória profissional como da forma com que nos posicionamos no mundo. Segundo o mesmo autor, essas histórias revelam um conhecimento que foi construído de forma singular, no entanto são, ao mesmo tempo, as histórias de todos nós, afinal, contam-nos sobre a época, os lugares e os contextos sociais e culturais aos quais pertencemos.

Segundo Eckschmidt (2014), os termos “Narrativa Autobiográfica” e História de Vida possuem diferenciações terminológicas que interferem na metodologia utilizada por quem pretende realizar uma pesquisa nesse campo. Essas variações dependem do lugar que o profissional ocupa. Segundo a autora:

Nos trabalhos de revisão bibliográfica sobre histórias de vida na formação de professores, as expressões narrativas autobiográficas e histórias de vida são muitas vezes utilizadas como sinônimos, inclusive indicada na forma de história de vida/narrativa autobiográfica (ECKSHMIDT, 2014, p.08).

Nesse sentido, neste trabalho, usarei ambos os termos, Narrativas Autobiográficas ou Histórias de Vida, para me referir ao relato de uma experiência que já foi vivida e que é reinterpretada a cada vez que a narrativa autobiográfica se faz presente em nosso cotidiano (NÓVOA, 1992).

Dessa forma, nesta investigação, parto da minha própria história de vida para mostrar a experiência com o boi de mamão em minha trajetória a fim de fechar o leque de alternativas e definir o foco da revisão bibliográfica para a narrativa autobiográfica de professoras da educação básica. Isso não significa que, neste trabalho, as histórias serão fechadas, pois, conforme nos alerta Eckschmidt (2014, p. 08), “histórias de vida são essencialmente abertas, diversificadas, descontínuas, afetivas, entre outros aspectos tanto simples como complexos para o seu entendimento.”

No campo da formação de professores, o uso do método autobiográfico/história de vida tem oferecido contribuições relevantes, como a obra de Antônio Nóvoa, especialmente seu livro *Vidas de professores e Método (auto)biográfico e a formação* (1992).

Conforme Nóvoa (1992, p.18), “[...] a utilização contemporânea das abordagens autobiográficas é fruto da insatisfação das ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação dos modos do conhecimento científico.” A partir das palavras do autor, percebo sua reivindicação ao compreender que, para esse autor, na formação de professores, é preciso considerar sua história e seu cotidiano. Nessa perspectiva, Nóvoa (1992) defende que a pesquisa com história de vida do professor pode ser uma possibilidade de abrir horizontes e ampliar olhares para os percursos profissionais focando no seu desenvolvimento pessoal.

A partir desse pensamento, Eckschmidt destaca a ênfase que começa a ser colocada sobre a pessoa do professor, no sentido de que a sua subjetividade começa a ser considerada como foco das pesquisas, principalmente na formação inicial de professores.

Com esse exercício de investigação, defendo o uso das histórias de vida também em pesquisas na formação de professores, principalmente na formação inicial, uma vez que podemos imaginar outras possibilidades para a formação inicial, na qual os estudantes possam implicar suas próprias vidas “e a partir de diferentes lugares, pertencimentos e redes de significações, possam aplicar as relações entre o que somos, sentimos, pensamos e fazemos” (ECKSCHMIDT, 2014, p. 13).

Em se tratando da importância das histórias de vida na formação inicial de professores, Aviz (2021)<sup>3</sup> considera essa uma das questões fundamentais à relação pedagógica, na criação de uma “comunidade aberta de aprendizagem”, na qual estudantes possam aprender a ser pensadores críticos capazes de compreender e de reagir ao material que estiver sendo estudado, para poderem aprender a “descolonizar o olhar”. Segundo Aviz (2021), alguns autores chamam atenção para a importância de outra relação pedagógica. Uma dessas autoras, talvez a mais eloquente e ativista pela “Educação como prática da liberdade” depois de Paulo Freire é bell hooks (2013)<sup>4</sup>. Essa pensadora traz algumas questões que são fundamentais para a criação dessa “comunidade aberta de aprendizagem”, dentre elas a importância da voz e a vida dos(as) estudantes por meio:

1. Da conversação: falar, ser capaz de nomear – essa é uma forma de reclamar para si a posição de sujeito. “Erguer a voz”, então, é uma questão fundamental.

---

<sup>3</sup> Circuito de Cinema Infantil, em 16 de junho de 2021.

<sup>4</sup> O nome “bell hooks” foi inspirado na sua bisavó materna, Bel Blair Hooks. A letra minúscula pretende dar enfoque ao conteúdo da sua escrita, e não à pessoa.

2. De contar histórias: compartilhar histórias pessoais. As histórias, sobretudo as pessoais, são uma maneira poderosa de educar, de construir uma comunidade em sala de aula e (re)conhecer experiências diversas (não somente as histórias dos estudantes, mas as nossas histórias pessoais).

Para bell hooks, as histórias de vida têm de ser valorizadas desde a educação escolar. Em seu livro “Ensinando a transgredir – A educação como prática da liberdade” (2017), no primeiro capítulo denominado “Educação como Prática da Liberdade”, escreveu sobre sua experiência em sala de aula como professora, escritora e estudante. Em uma passagem do texto, a escritora relata sua infância na escola de ensino fundamental Booker T. Washington, a qual era frequentada somente por crianças negras. Ela descreve que as professoras daquela escola tinham uma “missão” que era “nutrir nosso intelecto para que pudéssemos nos tornar acadêmicos, pensadores e trabalhadores do setor cultural – negros que usavam a ‘cabeça’” (hooks, 2017, p. 10) e, para tal, elas proporcionavam uma pedagogia com raízes antirracistas.

Quase todos os professores da escola Booker T. Washington eram mulheres negras. O compromisso delas era nutrir nosso intelecto para que pudéssemos nos tornar acadêmicos, pensadores e trabalhadores do setor cultural – negros que usavam a “cabeça”. Aprendemos desde cedo que nossa devoção ao estudo, à vida do intelecto, era um ato contra-hegemônico, um modo fundamental de resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista. Embora não definissem nem formulassem essas práticas em termos teóricos, minhas professoras praticavam uma pedagogia revolucionária de resistência, uma pedagogia profundamente anticolonial. Nessas escolas segregadas, as crianças negras consideradas excepcionalmente dotadas recebiam atenção especial. As professoras trabalhavam conosco e para nós a fim de garantir que realizássemos nosso destino intelectual e, assim, edificássemos a raça. Minhas professoras tinham uma missão (hooks, 2017, p. 10-11).

Para as professoras “cumprirem” sua “missão”, havia uma investigação profunda sobre a vida dos estudantes, desde conhecer seus familiares, as condições econômicas, a rotina e até mesmo saber como era o tratamento da família em casa, com o intuito de prepará-los a realizar seu caminho intelectual. Nessa escola, as professoras plantaram em bell hooks o desejo de ser livre. Livre de um pai violento e opressor, de uma casa que mais a oprimia do que a fazia se sentir bem. Ao contrário de sua casa, a escola proporcionava-lhe muita alegria:

Naquela época, ir à escola era pura alegria. Eu adorava ser aluna. Adorava aprender. A escola era o lugar do êxtase – do prazer e do perigo. Ser transformada por novas ideias era puro prazer. Mas aprender ideias que contrariavam os valores e crenças aprendidos em casa era correr um risco, entrar na zona de perigo. Minha casa era o lugar onde eu era obrigada a me conformar à noção de outra pessoa acerca de quem eu deveria ser (hooks, 2017, p.11).

Essas considerações de hooks são fundamentais a esta investigação que parte da minha própria história de vida, principalmente ao relacionarem-se com alguns pontos que mencionei na introdução deste trabalho e com a defesa que faço sobre a importância das Narrativas Autobiográfica/Histórias de Vida na Educação.

Evocando bell hooks e a perspectiva feminista, Aviz (2021) nos provoca a pensar que as histórias de vida podem ser uma arma de resistência das mulheres, uma alternativa à história do processo de colonização, à geopolítica eurocêntrica que estabeleceu paradigmas epistemológicos, políticos, ontológicos e religiosos como verdades universais, promovendo uma fortaleza de invisibilidades e silenciamentos, que se manifesta de modo particular entre as mulheres. Para Aviz (2021), é por meio das histórias de vida que os sujeitos contam, recontam, e, pelo ato de narrar, constituem-se.

### 3 CONSTRUINDO UM CAMINHO METODOLÓGICO

No processo de escolha da metodologia para o desenvolvimento deste trabalho de cunho qualitativo, elaborei uma carta para educadores os quais tivessem alguma experiência com o boi de mamão em sua Narrativa Autobiográfica/História de Vida. A pesquisa de cunho autobiográfico se apoiou nos trabalhos sobre as narrativas autobiográficas de Eckschmidt (2014) e nas pesquisas em histórias de vida de Aviz (2021). A intenção é articular esses dois referenciais de vertentes diferentes que constituíram a minha trajetória de pesquisa de final de curso. Assim, a opção por utilizar a autobiografia/história de vida como metodologia apoiada nessas duas pesquisadoras nasceu das leituras e reflexões realizadas em minha trajetória de pesquisa.

Segundo Costa (2002, p.11), “[...] quando se formula um problema de pesquisa, inventa-se também um peculiar caminho para procurar, produzir e propor alternativas de resposta.” A partir dessa perspectiva e da minha trajetória como educadora a qual me mostra, diariamente, mais desafios no trabalho de educação das crianças, sinto a necessidade de buscar novos olhares. Dessa maneira, propus para minha pesquisa a escrita de cartas autobiográficas inspiradas por essas pesquisadoras em Narrativas Autobiográficas/Histórias de Vida que, ao mesmo tempo em que me provocam pensar na minha própria história de vida, abrem-me possibilidades de novos sentidos e também me trazem o desafio de não me tornar superficial nesta minha trilha metodológica.

Eckschmidt (2014) faz a indicação de um dos possíveis caminhos para a realização do trabalho autobiográfico com professores. O exercício é composto por Oficinas de Narrativas Autobiográficas em pequenos grupos. Essas oficinas as quais são compostas por três momentos: 1) Retrospectiva: é a etapa inicial da oficina, que tem como principal objetivo recordar as narrativas da infância relatadas na oficina anterior; 2) Inspiração: o principal objetivo dessa etapa é ajudar a “acordar” as memórias de infância. As estratégias desse momento devem ser as mais variadas possíveis para culminar no momento artístico: momento em que se aplicam materiais artísticos diferentes para a representação das memórias da infância; 3) Relato da história: momento em que cada participante passa a relatar o trabalho desenvolvido na etapa anterior. Ainda nessa etapa, cada integrante faz o registro escrito do que vivenciou.

Ao pensar a pesquisa em história de vida, Aviz (2021) defende como perspectiva metodológica seu potencial de conferir às pessoas vítimas de violência, principalmente meninas e mulheres, um sentido ativista, de luta contra as injustiças. Nesse sentido, a autora defende

a importância de alguns dispositivos de pesquisa como o blog e *microblog*, a escrita de carta dentre outros os quais criam um *lugar da voz* para essas mulheres, no sentido de que possam “contar a todo mundo” o que acontece em sua intimidade, indo ao encontro de outras vozes que a elas afinam-se. Aviz (2021) contextualiza a pesquisa em história de vida na perspectiva feminista, na qual, por meio de suas *escrevivências*, as mulheres podem praticar uma forma de resistência.

Assim, para essa autora, enquanto procedimento epistemológico, as histórias de vida materializam vozes de pessoas individuais, sobretudo pertencentes a grupos sociais a quem a história silenciou. As histórias de vida apoiam-se na produção de conhecimento por meio da intersubjetividade, ou seja, do que cada pessoa partilha conosco a sua forma de ver o mundo, a partir de seu lugar de fala e posição social. Ao/à investigador/a cabe, nessa perspectiva feminista, não apenas fazer a recolha de histórias de vida, mas trazer a voz fidedigna dessas pessoas, suas expressões e visões de mundo, uma vez que é nesse aspecto que se consegue confrontar o silêncio que a história e a produção científica dominante têm imposto<sup>5</sup> Sendo assim, Aviz (2021) inscreve o percurso da pesquisa em história de vida na procura do sujeito político *mulher* e da agência feminista no campo da Educação. Nesse sentido, a autora defende que as histórias sejam contadas tal qual a participante, de forma oral ou escrita, contou, uma vez que, essa metodologia permite fluidez aquilo que o outro quer comunicar, não há interferência ou direcionamento.

Foi partindo dessa perspectiva que optei por não ter um roteiro com perguntas, mas sim a escrita de uma carta, para que cada participante respondesse colocando em primeiro plano um aspecto de sua vida: a experiência com o boi de mamão.

---

<sup>5</sup> MAGALHÃES, Maria José. Construção do sujeito mulheres: subjetividade das vozes e dos silêncios. *In*: MAGALHÃES, Maria José *et al* (org.) **Pelo fio se vai à meada: percursos de investigação através de histórias de vida**. Lisboa: Ela por ela, 2012, p. 09-10.



### 3.1 A ESCRITA DE CARTAS COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA E REGISTO EM HISTÓRIA DE VIDA

Existem várias técnicas que podem ser utilizadas na investigação em Histórias de Vida: entrevistas semiestruturadas, entrevistas abertas, diálogos abertos, dentre outras, inclusive, solicitando à pessoa que escreva. Nesta pesquisa, criei uma carta com características próprias seguindo uma temática específica, para que as pessoas interessadas escrevessem suas histórias com o boi de mamão. Assim, ela pode ser classificada como uma carta temática, uma vez que tinha como prioridade a pesquisa acadêmica. Ao ter sido criada e enviada por *e-mail*, essa carta, assim como um blog, pode ser classificada como uma carta funcional<sup>6</sup> servindo como dispositivo para a produção e o compartilhamento das narrativas pessoais.

Para esta investigação, foram enviadas dez cartas para educadores da educação básica, das quais nove para mulheres e uma para um homem. Recebemos quatro respostas, todas de mulheres. Sendo assim, quatro histórias de mulheres fizeram, efetivamente, parte do corpus desta pesquisa. A carta enviada aos educadores pode ser lida a seguir:

Prezado(a),

Me chamo Elizabete Enedina de Souza, tenho 47 anos, trabalho atualmente como auxiliar em uma escola da Prefeitura Municipal de Florianópolis, e neste momento, estou elaborando meu TCC no curso de Graduação em Pedagogia da UFSC. Meu TCC tem como tema “A importância cultural do boi de mamão” (Boi de mamãoPetinho, traços de uma cultura em Florianópolis).

Nesse sentido, venho por meio desta estender o convite para alguns profissionais que atuam na área da Educação para que possam narrar/compartilhar/descrever um pouquinho das suas vivências relacionadas com o boi de mamão, seja na infância, adolescência e/ou no campo profissional.

Aproveito para informar que as pessoas que contribuirão relatando e compartilhando suas vivências farão parte do meu TCC. Dessa forma, peço que cada colaborador envie para meu *e-mail* [elizabete.enedinasouza@gmail.com](mailto:elizabete.enedinasouza@gmail.com) seu relato e deixe registrado também a autorização para usar a escrita do relato compartilhado relacionado ao boi de mamão.

Se você quiser colaborar com meu trabalho, fico no aguardo da sua carta até o final de maio de 2022.

Desde já, agradeço a atenção recebida até o momento. Atenciosamente,  
Elizabete Enedina de Souza

Florianópolis, maio de 2022.

A proposta das cartas como instrumento metodológico constitui-se como fundamental importância nas pesquisas em História de Vida/Narrativas Autobiográficas, pois aliada a uma

---

<sup>6</sup> AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra. Blogs: Mapeando um objeto. In: AMARAL, Adriana *et al* (org.). **Blogs.com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento, 2009, p. 03.

perspectiva de pesquisa feminista, consideramos importante que a história de vida parta do que cada participante queira contar, partindo do ponto que considera mais significativo, não de um roteiro de perguntas. Esse exercício de pesquisa reflete sobre a necessidade de uma outra prática de investigação. Uma prática que, segundo (AVIZ, 2021), implica ao pesquisador transitar de uma epistemologia da “fala” para uma epistemologia da “escuta”, uma vez que a carta-resposta é construída a partir do que cada participante quer que em sua narrativa apareça em primeiro plano

## 4 VIMOS POR MEIO DESTA: EXPERIÊNCIAS COM O BOI DE MAMÃO NAS HISTÓRIAS DE VIDA DE EDUCADORAS

Entre abril e maio de 2022, recolhemos quatro cartas-respostas das educadoras que tinham, em sua história de vida, experiências com o boi de mamão. Das dez cartas que enviamos, recebemos quatro respostas. Este capítulo tem como finalidade apresentar as cartas como instrumento de pesquisa. Nesse sentido, mostram-se as cartas-resposta<sup>7</sup> de quatro participantes desta investigação para, a partir delas, provocar uma reflexão sobre as histórias de vida que trazem, em sua constituição, experiências com o boi de mamão.

### 4.1 CARTA 1: SOL<sup>8</sup>

Florianópolis, 22 de maio de 2022

Prezada Elizabete!

Sou nascida e criada em Florianópolis, filha de pai manezinho e mãe natural de uma pequena cidade da Grande Florianópolis, mas residente na Ilha desde a adolescência – ou seja, minhas raízes estão aqui. Tenho 38 anos, nasci em 1983, e sou a mais velha de quatro irmãos. Cresci no Centro da cidade e aos oito anos de idade minha família se mudou para o bairro do Campeche, em 1992. Toda a minha trajetória escolar foi feita em escolas particulares e, para ser sincera, não tenho nenhuma lembrança de ter vivenciado o boi de mamão nelas. Penso que as questões mais culturais e folclóricas da Ilha, naquela época, eram mesmo “coisa de manezinho” no sentido pejorativo do termo e ficavam restritas às comunidades do interior da Ilha. Dizem que depois que o Guga venceu Roland Garros é que passamos a ter orgulho de sermos manezinhos, mas isso é outra história...

Bem, meus pais sempre tiveram o perfil de buscar entretenimento para os filhos, levando-nos à praia, parquinhos, teatro, cinema. Mesmo morando no centro, íamos aonde houvesse (e na época eram raras) opções culturais para crianças. E isso incluía festividades típicas da cidade, como a Festa do Divino Espírito Santo na Praça Getúlio Vargas, Festa da

<sup>7</sup> As cartas foram apresentadas integralmente, sem interferência na escrita das participantes. Embora todas as professoras tenham se identificado ao enviarem suas cartas, nesta escrita, optei por dar a elas um codinome, sendo eles: **Céu, Lua, Sol e Estrela**.

<sup>8</sup> Enviada por Sol, orientadora educacional da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

Laranja, na Trindade, e festas juninas realizadas por conselhos comunitários ou escolas de bairro, como o Campeche, antes mesmo de morarmos lá. E aí é que lembro de vivenciar o boi de mamão, como o ponto alto desses encontros populares.

Encontros com a gente e a cultura da Ilha, encontros democráticos, de todas as gentes, que nos abriam horizontes, que nos tiravam da bolha da escola particular elitizada e homogênea em que estudávamos. À época era sempre uma aventura, afinal, tratava-se de um casal com quatro crianças pequenas – eu, a mais velha, com oito, nove anos, seguida de uma irmã e dois irmãos, de 6, 3 e 1 ano de idade – em festas que muitas vezes eram a noite, pelo menos em minhas lembranças de criança, eram sempre “bem tarde” e “bem longe”, talvez nem fosse tanto assim... E eis que entre barraquinhas de comidas típicas, brincadeiras como a tradicional pescaria ou vira lata, em certo momento era anunciado que entraria em cena o boi de mamão. Pensando nesses últimos dias sobre essas memórias para participar nesse TCC, do qual me senti muito honrada com o convite, refleti seriamente não tive contato com o folguedo popular nas escolas em que estudei e a resposta encontrada sempre foi não. Assim como também não tive vivência com essa tradição dentro da família, no sentido de ter membros que fossem participantes de grupos de boi de mamão ou algo do gênero. Então meu encontro com “o boi” foi mesmo na rua – no sentido *lato* do termo. Pensando sobre o assunto nos últimos dias, rememorei o encantamento que sentia, menina, com tudo aquilo: o colorido, a dança, os personagens. O medo da boca da Bernunça que batia forte, o mistério do nascimento da Bernuncinha, e o medo do braço pesado da Maricota, tudo aquilo parecia enorme, misterioso e meio sem sentido...

Pois bem, os anos se passaram e eu fui estudar Pedagogia na UFSC. E eis que em algum evento, talvez uma SEPEX, não lembro, tive a oportunidade de participar de uma oficina de Boi de mamão, ministrada pelo Nado (Reonaldo Manoel Gonçalves), na época líder do grupo Arreda Boi, da Barra da Lagoa, educador, pesquisador e grande entusiasta do boi de mamão (salvo engano, ele fazia mestrado ou doutorado<sup>9</sup> em nosso PPGE sobre a temática naquela época). Foi tão maravilhoso me reencontrar e me reencantar com o boi de mamão logo no primeiro ano da graduação em Pedagogia (2002) que posso até considerar como um marco importante em minha trajetória acadêmica, pois em meio a tantas teorias filosóficas, históricas, sociológicas que encarávamos, ainda tão imaturas academicamente nos primeiros anos de nossa formação universitária, aquela oficina trouxe luz e conexão com a cultura e a educação popular,

<sup>9</sup> **Educação popular e boi de mamão:** diálogos brincantes. Doutorado em Educação (2006) e **Cantadores do boi de mamão:** velhos cantadores e educação popular na Ilha de Santa Catarina. Mestrado em Educação (2003).

com as minhas raízes e vivências das festas da infância, me fez olhar pra dentro de mim, do meu povo e da minha cidade e entender que precisamos “primeiro conhecer a nossa vila para conhecer o mundo”. Aquela oficina me influenciou muito nas escolhas que fiz ao longo da graduação, dali passei a buscar por conta própria leituras sobre educação popular com base em Paulo Freire, me aproximei da orientadora do Nado, Maristela Fantin, que na época era referência em educação popular e movimentos sociais no CED, ajudei a fundar junto com alguns colegas um núcleo de Ecopedagogia dentro da UFSC (que acabava tocando em questões de valorizar a cultura e a sabedoria popular) e voltei a frequentar apresentações de boi de mamão, agora com outro olhar, de educadora e de quem havia compreendido a história, a riqueza e as possibilidades educativas dessa tradição a partir dos conhecimentos ofertados naquela oficina.

Hoje sou mãe de duas meninas gêmeas que completarão 1 ano de 10 meses essa semana e são apaixonadas pelo boi de mamão. Aqui na minha casa não se passa um dia sequer sem que assistam ao boi de mamão na televisão, nas várias gravações disponíveis no Youtube, sempre com seus bonecos e chapeuzinhos em mãos, encenando, dançando e cantando. Meus irmãos também, de certa forma, em algum momento de suas histórias, foram influenciados por aquelas aventuras familiares da nossa infância. Minha irmã é professora de artes visuais na rede estadual de ensino e sempre trabalha o boi de mamão com suas turmas. Seu filho mais novo, da idade das minhas, também é apaixonado pelo boi de mamão, passa o dia com chapéu de palha na cabeça dançando e imitando a bicharada... Meu sobrinho mais velho, hoje com nove anos, filho do meu irmão caçula, desde bebê amava tanto o boi de mamão que já teve até tema de festa de aniversário. Explico que esse “desde bebê” se deve ao fato de eu, minha irmã, o pai dele (meu irmão) e meu pai termos lhe apresentado o folguedo, inicialmente com musiquinhas e bonecos dos personagens e aos oito meses de vida ele já estava assistindo sua primeira apresentação, em uma festa do Divino no Campeche. De igual forma as minhas filhas, quando eu fiz o curso de gestante no HU/UFSC, a psicóloga sugeria que tivéssemos uma “música da barriga”: alguma canção que fosse só nossa e que criasse uma intimidade com as bebês ainda no útero; segundo ela, as bebês reconheceriam a canção quando a ouvissem após o nascimento e isso as ajudaria a se acalmarem no período de exterogestação. E a música de barriga que escolhi foram as cantigas do boi de mamão, aí já se explica um pouco desse amor todo que elas demonstram pela história do boi... O mesmo não acontece com meu esposo e sua família, sendo que podem ser considerados infinitamente mais manezinhos que eu e a minha família, pois são gerações de pescadores, nascidos há dezenas de gerações na Ilha, mas que não tiveram o cultivo, ou a busca, como os meus pais faziam, para nos incentivar a conhecer a cultura local. Assim, as minhas

filhas são as primeiras da família paterna a demonstrarem esse interesse, o que desperta a curiosidade de todos.

Como educadora tive a possibilidade de trabalhar em escolas alternativas (como as de pedagogia waldorf) em que a cultura local – mesmo tendo como maior parte do público pessoas não nascidas aqui – era valorizada e o boi de mamão fazia parte do currículo, inclusive, numa época em que pouco se manifestava sobre o assunto na cidade. Muitos anos depois vim a trabalhar como orientadora educacional em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis e a escola tinha um projeto de boi de mamão com as crianças, do qual pude participar e era ótimo.

Desde o nascimento do meu primeiro sobrinho, em 2013, que tenho acompanhado mais o cenário do boi de mamão na atualidade, por estamos sempre procurando apresentações para levá-lo, além de brinquedos e livros temáticos, e fico muito feliz em ver as apresentações sempre lotadas de crianças de todas as idades. Percebemos que nos últimos anos as escolas, especialmente na educação infantil da rede municipal, têm havido maior valorização e inclusão do boi no currículo, e não apenas como atração pontual em algum evento, como festa junina.

Atualmente sou orientadora educacional em uma escola municipal em Canasvieiras e uma das minhas metas a médio prazo é conseguir aproximar aquela comunidade do boi de mamão, para a alegria de nossas crianças e preservação da cultura ilhéu em um bairro tão “invadido”, miscigenado e internacionalizado como é Canasvieiras.

Como mãe, me alegro e me orgulho demais das minhas pequeninas amarem o boi e suas “totas” (Maricotas) e de preferirem este a qualquer outro desenho animado gringo. Seguimos na luta pela educação popular, democrática, pelo direito à livre expressão, à festa, ao sonho, ao absurdo que traz o boi fantástico que morre e ressuscita com superpoderes após uma reza da benzedeira e seus “amigos” bichos que fazem a alegria de crianças e adultos de coração leve. Salve a cultura popular!

4.2 CARTA 2: ESTRELA<sup>10</sup>

Querida Elizabete,

Me chamo Estrela, tenho 33 anos, nascida e criada em Florianópolis no bairro do João Paulo. Atualmente sou **professora de Educação Infantil** na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis e também faço parte da Diretoria do Grupo Boi de **Mamão do Petinho**, tenho duas filhas, uma de nove anos e outra de quatro anos, as quais participam ativamente deste processo cultural local de Florianópolis com encenações e apresentações do **Boi de mamão do Petinho**. A mais velha é a benzedeira a qual faz uma oração e uma “benzedura” para reanimar o boi de mamão e a mais nova é o Jaraguá, o “*filhote da bernúnca que acaba de chegar*” enredo artístico cultural.

Viver este processo Profissional e Pessoal refletindo na nossa cultura local é de grandes significados como mãe e principalmente como professora pois consigo apresentar a cultura, as músicas, as danças dos personagens, ao qual ampliam os repertórios lúdicos e culturais das crianças envolvidas. Na maioria das vezes as famílias só ouviram falar na cultura do boi de mamão, ou o avô ou a avó superficialmente conta das suas vivências, que brincava com este personagem e ou que construiu o seu boi e brincava na sua comunidade. Atualmente as crianças brincam com brinquedos estruturados de marcas, embalados, encaixados como por exemplo os super-heróis e as princesas. Neste sentido como Professora da Educação Infantil, tento resgatar essa brincadeira de construir, de ressignificar as vivências, no qual envolve a construção dos personagens, os enredos, os musicais e o significado de cada personagem para nossa cultura local. Neste sentido quando começamos a ampliar este repertório cultural na unidade educativa as famílias passam a se envolver, a lembrar e a reviver também está cultura com seus filhos, netos, sobrinhos. Quando possível nos seus momentos em famílias, nos finais de semana e ou dias de folga, proporcionam vivências familiares para assistirem as apresentações do boi de mamão. Como por exemplo está acontecendo todos os sábados no Jardim Botânico do Itacurubi em Florianópolis, um evento lúdico, cultural e gratuito, neste sentido os adultos e idosos relembram as suas vivências da infância. Há também familiares, que vieram de outro país e possui uma outra cultura e neste sentido passam também a se apropriar desta linda cultura local, “manezinha”, ampliando seus repertórios lúdicos e culturais, ampliando suas múltiplas dimensões, emocional, sensorial, motora, mental e socioafetiva.

---

<sup>10</sup> Carta enviada por Estrela, professora da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.

*“O Boi de Mamão, foi trazido para a Ilha de Santa Catarina pelos açorianos no século XIX. É considerada uma das tradições folclóricas mais antiga de Santa Catarina e tornou-se a dança folclórica mais cultivada da grande Florianópolis. Esta cultura é transmitida de pais para filhos, bem como, nos espaços educativos e comunitários”.*

Espero ter contribuído para esse importante trabalho.

#### 4.3 CARTA 3: CÉU<sup>11</sup>

Prezada Elizabete!

Narrar sempre é desafiador, ao mesmo tempo é prazeroso, já que traz vida a um conjunto de lembranças que evocam nossas emoções. Quando me lembro das diferentes histórias e cantorias cantadas e contadas do **“Boi de mamão”**, durante minha experiência de 26 anos na educação, me sinto feliz e lisonjeada de poder fazer parte de tantas vivências, alegrias, diversão e satisfação brincando com o famoso Boi de mamão.

Na infância minha mãe sempre me levava para assistir as apresentações que geralmente, eram oportunizadas no período de festa junina. Lembro-me dos personagens que deixaram marcas, como: Dona Maricota por ser gigante e com braços cumpridos que podiam bater na plateia; o boi de mamão era muito bravo; a bernúncia sempre gerava dúvida, pois ela engolia algumas pessoas na plateia e eu (criança) ficava apavorada com esse comportamento. Enfim, no final todos cantavam e dançavam com muita alegria a magia do Boi de mamão.

No início da minha vida profissional como professora de educação infantil, pude participar do primeiro projeto de trabalho sobre o Boi de mamão, que tinha como objetivo apresentar a história do Boi de mamão envolvendo as crianças, famílias e comunidade escolar. Durante o processo de construção dos personagens utilizávamos sucatas e materiais recicláveis, assim como, participávamos da cantoria e teatro de todos os componentes do Boi de mamão. Era desafiador o projeto, mas encantador na riqueza da cultura apresentada para as crianças. Neste período, pude lembrar toda a minha infância prestando muita atenção nas expressões faciais das crianças, tomando todo o cuidado para trabalhar os “medos” que lá traz tinha adquirido.

<sup>11</sup> Carta enviada por Céu, professora da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.



Durante dezessete anos tive a oportunidade de colocar em prática e melhorar as propostas relacionadas a construções de projetos voltados para a cultura, em especial, ao do Boi de mamão. Aprendi muito com as visitas feitas na UFSC, com o contador de história “Peninha” e também com a comunidade do bairro Pantanal, que geralmente contratávamos para apresentar o Boi de mamão em nossas festas e encontros culturais.

Enfim, dando continuidade à minha trajetória na educação, continuei levando e apresentando para todas as escolas e unidades educativas o projeto do Boi de mamão, garantindo uma data fixa no calendário anual e oportunizando aos educadores um grande aprendizado, desejando e semeando a todos um período de descoberta e encantamento junto com as crianças.

Assim, despeço-me, desejando um bom trabalho!

#### 4.4 CARTA 4: LUA<sup>12</sup>

Prezada Elizabete!

Me chamo Lua e fui convidada por você para relatar minha experiência com o folgado popular de Florianópolis, o tão querido Boi de Mamão, através de sua carta.

Em muito tempo, cheguei em Florianópolis encantada com as praias e belezas naturais diversas, já era professora formada no magistério e o meu trabalho efetivo era na educação infantil, em que a fantasia e o imaginário são primórdios para o aprendizado acontecer.

Chegada à Festa Junina, a direção do colégio em que trabalhava no momento, anunciou que faríamos um Boi de Mamão com as crianças e meu estranhamento teve seu fim quando um professor da Universidade Federal de Santa Catarina, Senhor Peninha, era como o chamavam, palestrou sobre o tema que, até então, eu não tinha nenhum conhecimento.

Depois de ter ouvido com atenção cada palavra, me interessei imensamente pelo tal boizinho, que amado pelo seu dono, morre e ressuscita levando a magia e alegria por onde passa com seus personagens envolventes e coloridos.

E a festa aconteceu com todas as crianças participando, desde a confecção dos personagens até a apresentação final para todas as famílias, despertando lágrimas de emoção e suspiros de orgulho das professoras em realizar um trabalho educativo tão rico em história e

<sup>12</sup> Carta de Lua, professora da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino.

importância cultural. O resultado foi tão maravilhoso e gratificante que realizamos anos consecutivos, momento esperado por todos envolvidos nessa alegria.

O tempo passou, a escola fechou, mas o “Boizinho” permaneceu comigo aonde quer que eu vá e sempre que tenho a oportunidade de apresentar aos meus alunos, eu o faço com dedicação, porque sei que as crianças merecem e precisam manter viva essa tradição.

E levanta Boi!

#### 4.5 CATEGORIZAÇÃO

Seguindo a elaboração de Aviz (2021), organizamos as informações provenientes das narrativas das participantes partindo da elaboração de uma categorização temática que, conseqüentemente, delinearão-se como categorias de enunciação. Ao ler cada carta, elegemos categorias que nos serviam como motivo de conversa para, assim, dialogarmos com as histórias das participantes.

Tabela 1: Categorização de questões evidenciadas nas respostas das cartas

<b>Categorias</b>	<b>Subcategorias</b>
1. Apresentação	
2. Boi de mamão	2.1 Ponto de vista sobre a prática do folgado em seu contexto 2.2 Momento(s) de vivência/convivência com o boi de mamão
3. Boi de mamão e memória	3.1 Boi de mamão na infância e na pequena infância 3.2 Percepção sobre as diferentes formas de praticar o boi de mamão 3.3 Boi de mamão e família
4. Boi de mamão, arte e cultura	4.1 Boi de mamão e arte 4.2 Boi de mamão e cultura

5. Boi de mamão, cultura e Educação	5.1 Percepção sobre o boi de mamão, cultura e a educação escolar 5.2 Boi de mamão na escola 5.3 Boi de mamão: relações sociais e culturais 5.4 Aspectos culturais e artísticos 5.5 Posicionamentos frente à problemática dos aspectos culturais e artísticos no espaço escolar
6. Boi de mamão e o Direito das crianças ao brincar	6.1 Percepção sobre o boi de mamão como brincadeira e o direito das crianças ao brincar 6.2 Percepção da resistência por meio do boi de mamão 6.3 Participação pessoal no contexto da resistência à prática da cultura popular no espaço escolar
7. Boi de mamão, Identidade e sentido de pertença	7.1 Percepção sobre a Identidade 7.2 Construção da Identidade 7.3 Momento marcante com o boi de mamão no processo de Identidade

Fonte: elaborado pela autora (2022).

#### 4.6 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS NARRATIVAS DAS EDUCADORAS

Nesta seção, apresento algumas considerações que penso serem coerentes à problemática desta pesquisa, a partir da *categorização de questões que se evidenciaram nas respostas das participantes*. Sobre as educadoras que fizeram parte desta pesquisa parece importante dizer que foram quatro. Dessas, duas tiveram a experiência com o boi de mamão no quintal da casa ou na comunidade antes de ir à escola, uma relata sua experiência na adolescência e uma, na idade adulta. Das quatro participantes, três nasceram em Florianópolis.

Antes de fazer as considerações sobre as respostas das participantes, porém, quero dizer que, para mim, este exercício de fazer pesquisa por meio de cartas foi muito importante porque permitiu que eu escrevesse por mim mesma com as minhas próprias palavras e escutasse as palavras de quem tão atenciosamente parou para me dar um pouquinho do seu tempo e responder a carta que enviei.

Peço licença para contar um pouco sobre o meu processo de escrita deste trabalho, que foi um momento de grande aprendizagem para mim. Como já mencionei em alguns fragmentos de minha história de vida, não tive, em minha trajetória escolar, quase nenhum prazer no exercício de escrever, pelo contrário, trago desse tempo muitas frustrações e fracassos. Isso me atrapalhou muito em toda a minha trajetória no curso de Pedagogia, porque eu sempre pensava que não sabia escrever. Lembro-me que, no primeiro encontro com minha professora orientadora, ela já me desafiou a escrever. Teria de ser uma escrita sobre mim, talvez uma carta sobre minha vida. Segundo ela, ela precisava saber um pouco mais de mim.

Depois disso, veio a solicitação de um caderno. “Um caderno simples”, disse ela, que será uma espécie de diário no qual você irá anotar tudo o que acontece neste processo da sua formação, principalmente suas considerações sobre seus estudos e estudos dos textos. O próximo passo foi escrever uma carta aos possíveis participantes. Fiquei ansiosa para saber se alguém responderia. Quando recebi a primeira carta, fui correndo escrever para avisá-la. Ao receber a terceira carta, a professora solicitou um exercício de leitura minuciosa delas. Sinceramente, eu estava muito curiosa para saber no que tudo aquilo ia dar, porque eu não sabia que, de um jeito tão simples, eu poderia fazer uma pesquisa.

Fiquei muito surpresa em um dos encontros, quando ela me pediu para que eu lesse uma das cartas em voz alta e parasse ao final de cada parágrafo. Então, conversávamos sobre o que parecia ser mais importante naquela parte do texto, selecionando a palavra mais relevantes de cada parágrafo. Depois de fazer todo o exercício, eu soube que aquelas palavras poderiam ser transformadas em categorias teóricas no meu trabalho. Então, com essas palavras em mãos, fui provocada a procurar, tanto nos estudos já realizados em minha trajetória acadêmica como nos estudos que estava fazendo naquele momento, autores e autoras que me ajudassem a refletir sobre os dados gerados pelas cartas das participantes. Lembro-me que, durante a realização desse exercício, eu fiquei muito feliz. Eu estava conseguindo compreender como fazia a fundamentação de um trabalho acadêmico, aquilo que parecia ser tão difícil quando somos convocados a ler/estudar um texto na universidade. E, em cada conquista, eu me alegrava, porque parecia que escrever já não parecia mais “um bicho de sete cabeças”. Primeiramente, escrevi sobre mim para depois escrever sobre os autores.

Foi assim que pude mais do que analisar, enunciar, nas cartas das participantes, questões que pareciam fundamentais à temática estudada assim como perceber que o método possibilitou, como disseram Jovchelovitch e Bauer (2002), buscar a extrema fidelidade em reproduzir as narrativas, como um dos indicadores de qualidade das cartas recebidas.

Ao ler as respostas das cartas das participantes, a questão da memória sobre o boi de mamão e sua importância na constituição da identidade e formação cultural das participantes foram mais recorrentes. Segundo Inácio e Martins,

Desde as primeiras pesquisas realizadas a partir da bibliografia sobre o folguedo do Boi de Mamão, fica clara a importância da mesma para a construção da identidade cultural catarinense, porém é sempre bom retomá-la dizendo que, para conhecimento um lugar de onde vivemos, profundamente, temos que estabelecer dentro e fora da universidade o resgate de história, saberes, fazeres, costumes, crenças desta região (INÁCIO; MARTINS, 2013, p. 20).

Nessa perspectiva, podemos pensar nos sentidos que Ecléa Bosi, em seu livro *Memória e sociedade* (1994), traz à palavra memória quando distingue a vivência da memória em *memórias-hábito* e *memórias-lembrança*, chamando a nossa atenção para a diferença entre ouvir as histórias por meio das pessoas, testemunhas vivas da história, e a história oficial que se lê nos livros.

Segundo Bosi (1994), as *memórias-hábito* são aquelas traduzidas em gestos e palavras nas práticas do cotidiano, como decorar o CPF ou dirigir. Já a *memória-lembrança* “[...] traz à tona um momento único, singular, não repetido, irreversível da vida” (BOSI *apud* BRANDÃO, 1998)<sup>13</sup>.

Nesse sentido, poderia dizer que o que aparece nas cartas das participantes desta pesquisa são as *memórias-lembrança* por trazerem uma carga de emoção, por representarem algo que se viveu intensamente e que “toca fundo”. Conforme Brandão (1998):

Toca fundo justamente porque, por um instante, o espírito livra-se dos afazeres do tempo, liberta-se das interligações dos espaços, torna-se um absoluto relativo e se deixa envolver por inteiro em um pleno “algo” que lhe surge miraculosamente em si mesmo, desligado de tudo mais (BRANDÃO, 1998, p.58).

No sentido de uma *memória-lembrança*, também parece importante dizer que cada narradora, ao lembrar a si, também tenha feito um exercício que apresenta a sua continuidade, a sua identidade por meio das suas memórias. Elas anunciam, promovem essa oportunidade de sistematizar um legado que foi e ainda é construído coletivamente. No movimento dessa escrita

---

<sup>13</sup> Referente ao prefácio escrito por Ecléa Bosi para o livro: *Memória Sertão: cenários, cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão*

para o trabalho de TCC, trago um pequeno fragmento daquilo que terá mais significado talvez futuramente, entendendo que,

Na história de vida, diferente do depoimento, quem decide o que deve ou não ser contado é o ator, a partir da narrativa da sua vida, não exercendo papel importante a cronologia dos acontecimentos e sim o percurso vivido pelo mesmo. Ainda que o pesquisador dirija uma questão específica, mesmo que de forma sutil, é o informante que determina o ‘dizível’ da sua história, subjetividade e os percursos da sua vida (SOUZA, 2006, p.29).

Em relação ao conhecimento do boi de mamão ainda na infância/adolescência, três das narradoras enfocam a importância de a família ter apresentado essa prática cultural. A participante Céu<sup>14</sup> nos apresenta essa questão em sua carta do seguinte modo:

Na infância minha mãe sempre me levava para assistir as apresentações que geralmente, eram oportunizadas no período de festa junina. Lembro-me dos personagens que deixaram marcas, como: Dona Maricota por ser gigante e com braços cumpridos que podiam bater na plateia; o boi de mamão era muito bravo; a bernúncia sempre gerava dúvida, pois ela engolia algumas pessoas na plateia e eu (criança) ficava apavorada com esse comportamento. Enfim, no final todos cantavam e dançavam com muita alegria a magia do Boi de mamão (Céu).

Essa passagem na vida da participante pode nos remeter à responsabilidade dos adultos na apresentação do mundo às crianças. Poderíamos buscar em Brandão (1998), quando argumenta acerca das “variações sobre busca de caminhos”, a questão de ser levado ou deixar-se ser levado por outros para melhor conhecer o mundo que nos possa ser apresentado.

Ser, não apenas conduzido, mas levado, porque parece que alguém pode ser conduzido por um outro para o lugar que se quer. Mas ser é levado por outro aos lugares que os outros querem. Ido a, por caminho que não foram escolhidos, mas acabam sendo trilhados como uma saga dos outros vivida por mim. Em toda a narrativa, desde o começo, Riobaldo quer provar que não foi mais do que isso: “um pobre menino do destino”. Não porque foi pobre, e ele nem o foi, mas porque se deixou levar, ser levado por outros (BRANDÃO, 1998, p.103).

A declaração de Céu pode nos fazer refletir também sobre o quanto essa *memória-lembrança* reverbera na sua própria atuação profissional como educadora, ao considerar a importância do boi de mamão no espaço escolar, um motivo para, segundo as palavras da

---

<sup>14</sup> Nome fictício utilizado nesta pesquisa para nomear as participantes.

participante, “o envolvimento das crianças, família e comunidade”. Essas considerações nos fazem refletir sobre o boi de mamão e as relações sociais e culturais que necessitam ser consideradas no currículo:

[...] Segundo, a atenção às relações sociais e culturais, na proposta curricular para educação infantil, exige observar que tais relações não se fundam no ambiente das instituições de educação infantil. Apreende-se que as crianças vivem relações que antecedem. A entrada na creche e, que elas continuam a viver estas e outras relações de forma simultânea em seu processo de socialização. Isso significa estar atento a composição de uma ação pedagógica que considere e dialogue com estes outros espaços sociais, principalmente quando nos referimos às famílias [...] (Currículo Da Educação Infantil Da Rede Municipal De Florianópolis, volume III, 2015. p. 34)

Seguindo nessa linha de pensar com as educadoras participantes a partir do que trouxeram em suas cartas, destacamos o que a professora Sol traz de mais importante em sua história de vida em relação à experiência do/com o boi de mamão. Sol nos conta que teve sua experiência na infância e como foi fundamental revivê-la na universidade. Estudante da UFSC, participou de uma oficina de boi de mamão ministrada por Nado:

Reonaldo Manoel Gonçalves, líder do grupo ARREDA BOI, da Barra da Lagoa. Essa experiência acabou sendo um marco em sua trajetória acadêmica e uma grande conexão com a cultura e a educação popular. Sol se diz apaixonada pela orientadora de Nado, professora Maristela Fantin, que era referência em educação popular na época. Por essa razão, voltou a frequentar apresentações do boi de Mamão, agora com olhar de educadora. Suas reflexões nos permitem pensar na importância da formação cultural na formação inicial de educadores, uma vez que:

Alfabetizar-se em boi-de-mamão requer cumplicidade, humanidade, energia, política, brincadeira, conceito de grupo. O boi-de-mamão, sempre referendado enquanto manifestação "folclórica", "popular", "cultural" não pode se engessar sob a égide de processos que reforcem única e exclusivamente a sua repetição em detrimento da sua relação com o cotidiano. A relação com a vida que pulsa ao seu redor, historicamente, foi a base para toda sua prática "repetitiva" e educativa (GONÇALVEZ, 2006, p. 43)

Essas considerações nos permitem pensar sobre o significado que esse folguedo pode representar na educação escolar das crianças, principalmente no seu *direito ao brincar*, bem como *expressão de resistência*. Segundo as palavras de Gonçalves:

O Boi de Mamão, aqui, é a grande caixa de brinquedos. Ao se construir os bonecos no Boi de Mamão, a brincadeira deve estar presente. É ela que vai possibilitando na

apresentação deste Boi um pouco do que foi vivido: o processo. O Boi de Mamão é entendido, neste recorte em que bonecos aparecem sendo construídos, como expressão da resistência formada pela resignação, pelo fazer e refazer brincando, pela vontade de manter viva a brincadeira do Boi de Mamão (GONÇALVEZ, 2000, p. 88).

Diferentemente de Sol, Lua nos conta em sua carta que na primeira vez em que ouviu falar do Boi, não entendeu nada. Nascida em São Paulo e vindo a Florianópolis já adulta, foi na escola de Educação Infantil em que atuava como professora que um dia foi convocada a construir um boi de mamão com as crianças para apresentarem na Festa Junina. Lua traz em sua narrativa a importância de sua formação por meio de palestras e cursos de formação, mas também de se colocar à disposição das crianças para aprender com elas. Sobre aquela convocação que a pegou de surpresa, Lua assim expressa:

E a festa aconteceu com todas as crianças participando, desde a confecção dos personagens até a apresentação final para todas as famílias, despertando lágrimas de emoção e suspiros de orgulho das professoras em realizar um trabalho educativo tão rico em história e importância cultural. O resultado foi tão maravilhoso e gratificante que realizamos anos consecutivos, momento esperado por todos envolvidos nessa alegria (Lua).

A narrativa da professora Lua mostra a importância de nos colocarmos em escuta das crianças. Na experiência relatada, parece que as crianças sabiam muito mais que sua professora, que não conhecia a cultura local por ser recém-chegada à cidade. Pelo fato de o boi de mamão ser uma das brincadeiras de maior atração popular em Santa Catarina, especialmente em Florianópolis, e por encantar tanto as crianças, é difícil a criança que chega à escola sem, pelo menos, ter ouvido falar desse folguedo. Sobre a questão específica de estar disposta a aprender com as crianças, podemos evocar as palavras de Paulo Freire quando nos diz:

[...] É Preciso que, pelo contrário, desde começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimento, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém (FREIRE, 1996. p. 25).



O diálogo com Paulo Freire pode também fazer sentido à última carta sobre a qual irei considerar. É a carta de Estrela, a qual é uma educadora que coloca, hoje, o Boi de Mamão como conteúdo fundamental à educação das crianças.. Ela vivenciou em sua trajetória de vida a experiência com o Boi de Mamão Petinho e hoje faz parte da diretoria do mesmo boi de mamão.

Como já mencionei na introdução deste trabalho, o Boi de Mamão Petinho tem um significado especial para mim, uma vez que foi criado em homenagem ao meu pai, um entusiasta do boi de mamão no bairro João Paulo.

Além de colocar o boi de mamão como uma das principais práticas em sua família, Estrela fala sobre o quanto essa vivência em sua história ressignifica sua prática pedagógica:

Viver este processo Profissional e Pessoal refletindo na nossa cultura local é de grandes significados como mãe e principalmente como professora pois consigo apresentar a cultura, as músicas, as danças dos personagens, ao qual ampliam os repertórios lúdicos e culturais das crianças envolvidas. Na maioria das vezes as famílias só ouviram falar na cultura do boi de mamão, ou o avô ou a avó superficialmente conta das suas vivências, que brincava com este personagem e ou que construiu o seu boi e brincava na sua comunidade (Estrela).

Nas palavras da professora Estrela, podemos retomar a importância do Boi de Mamão Petinho como memória, já discutida neste trabalho com Bosi e Brandão. A história de Estrela mostra que a memória “não é um percurso solitário” (BRANDÃO, 1998, p.07), por essa razão, ela traz a importância da família, do Boi Petinho, lá da sua história de vida, para falar do significado dessa compreensão às professoras de crianças.

Na carta dessa educadora, podemos dizer que ela traz a importância das experiências de “vozes e escutas dos quintais como poéticas da voz,” conforme defende Aviz (2015). A autorachama à reflexão sobre o quanto a escuta, a partir da sabedoria coletiva como ponto de partida as “vozes dos quintais” – lugar em que podemos colocar as práticas do boi de mamão – pode ser fundamental à escola, no sentido de pensar a relação *Boi de mamão, cultura e educação*.

Ainda para pensar nessa relação, escutemos o que a professora Estrela diz em sua carta, reflexões, a meu ver, muito importantes:

Atualmente as crianças brincam com brinquedos estruturados de marcas, embalados, encaixados como por exemplo os super-heróis e as princesas. Neste sentido como Professora da Educação Infantil, tento resgatar essa brincadeira de construir, de ressignificar as vivências, no qual envolve a construção dos personagens, os enredos,

os musicais e o significado de cada personagem para nossa cultura local. Neste sentido quando começamos a ampliar este repertório cultural na unidade educativa as famílias passam a se envolver, a lembrar e a reviver também está cultura com seus filhos, netos, sobrinhos (Estrela).

A partir das palavras da professora Estrela, parece importante pensar no *Boi de mamão e o Direito das crianças ao brincar*, provocando as crianças “a construir brincando”, como enfatiza Gonçalves (2000):

Os “bonecos de Boi” são construídos por crianças, são uma criação da criança. Esta criança que mais do que se especializar em fazer Bois de Mamão (o que é uma consequência), aprende a construir brincando. As tarefas dirigidas à criança devem ser vistas pelo adulto como atividades em que o lúdico possa estar presente. A criança vem ao BOI de Mamão para aprender brincando. Talvez esse seja um dos ensinamentos desta experiência vivida por todos os que construíram e reconstruíram vários bonecos de Boi de Mamão do Arreda (GONÇALVEZ, 2000, p. 88).

Por fim, mais do que responderem ao convite que fiz ao meu trabalho, as cartas de participantes, como a professora Estrela, parecem me fazer um convite a estar ainda mais atenta à escuta das crianças, às histórias dos quintais, a contar as histórias lembradas e esquecidas, começando pela nossa própria história, na qual está inserida a história do boi de mamão (Petinho).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para acadêmicos, professores, educadores e outros leitores que conversaram com este estudo até aqui, guiados pelos mais variados anseios, indagações e motivos, pergunto: qual a sua história de vida? Qual fragmento da sua história você gostaria de compartilhar?

Eu compartilhei uma história bonita, uma *escrevivência*, pois enquanto escrevo, vivo e me vejo em minha história e na história de outras pessoas que me constituem. Essa história começa com um pai afro-brasileiro apaixonado pelo boi demamão e pela vida. A brincadeira podia ser realizada no quintal da casa mesmo, numa farra brincante de vozes vivas onde a música, a dança, a canção, a poesia e os personagens preenchem cada canto do espaço vivido. No contexto dos quintais, como já enunciado neste trabalho, o folguedo Boi de Mamão (Petinho?) pode se caracterizar como “poética da voz”. Uma poética que afetava o imaginário de todos os participantes e mostrava o quanto essa práticabrincante fazia parte do imaginário de cada lugar. Nesse sentido, nesta investigação, o boi de mamão, evocado nas histórias de vida retratadas pelas educadoras participantes: professoras “Boitatinhas”, podem ser caracterizadas como *memórias-lembrança* (BOSI, 1998).

É assim que chego a esta pesquisa, que teve como principal objetivo: “investigar como as histórias de vida de educadoras que tiveram experiência com o boi de mamão em sua trajetória resignificaram/ressignificam sua prática pedagógica.” Como educadora, minha própria história parte dessa trama para considerar as histórias escritas nas cartas de cada “Boitatinha”, hoje educadoras, participantes desta investigação, e o lugar que elas ocupam nesse conjunto de relações que têm por objetivo a educação das crianças pequenas.

O que, então, a pesquisa, mostrou nesse conjunto de enunciações?

No início, eu tinha pensado em delimitar esta pesquisa trabalhando a história de vida do meu pai. No entanto, ao tentar iniciar a pesquisa, encontrei muitas dificuldades, principalmente por falta de informantes. A maioria deles já não residiam mais no bairro onde essa história aconteceu, e eu não teria tempo suficiente para localizar essas pessoas. Assim, meu desejo de falar sobre meu pai e o desejo de refletir sobre a importância do boi de mamão na prática educativa direcionaram-me a histórias de vida de educadoras que, assim como eu, tiveram em sua trajetória experiências com esse importante folguedo e resignificaram sua prática pedagógica a partir dessas experiências.

Desse modo, você, leitor, pode se perguntar: qual o sentido de cada categoria que colocamos em movimento para pensar a problemática dessa pesquisa?

Foi pensando sobre cada história enviada por carta a esta investigação que organizamos o raciocínio deste estudo, transformando em palavras meu próprio caminho de aprender sobre o que é fazer pesquisa, tomando nas mãos minha própria história.

Por essa razão, esta investigação só pôde ser realizada no intercruzamento de vozes e cruzamento de diferentes histórias do/com o boi de mamão. Assim, este estudo se encerra com muitas perguntas não respondidas e outras que necessitaram ser elaboradas durante esse percurso, provocando-me a continuar refletindo e pesquisando sobre essa temática tão importante à educação das crianças.

Assim, desejo que cada pessoa, especialmente as educadoras e os educadores, possam encontrar, em alguma passagem deste trabalho, a coragem e a disposição amorosa para contar sua história de vida, escrevendo-a com sua própria voz e com suas próprias palavras. Essas histórias, como já defendemos no percurso desta investigação, necessitam ser ao mesmo tempo contadas e vividas. Afinal, se todos perguntam pelo lugar da vida na escola, ao contrário do que se possa pensar, as histórias de vida das educadoras e de suas crianças muito interessam à Educação.

## REFERÊNCIAS

- ANZALDÚA, Glória. **Falando em línguas**: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. In: Revista de Estudos Feministas. Florianópolis, v.8, n.1, p. 229, 236.
- AVIZ, R. F. de; GIRARDELLO, G. E. P. **Escrevivências**: o blog e o microblog como espaços de pesquisa em Histórias de vida. Revista Comunicação e Educação. São Paulo, Ano XXVI, n. 1, p. 119-131, jan./jun. 2021.
- AVIZ, Roselete Fagundes de. **As negras vozes dos quintais**: acordes da canção Moçambique-Brasil. In: Medeiros, Fábio Henrique; MORAES, Taíza Mara Ruen. *Contações de Histórias: Tradição, Poéticas e Interfaces*. São Paulo: SESC, 2015, p.143-154.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória sertão**: cenários, cenas, pessoas e gestos feitos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão. São Paulo, Uniube, 1998.
- COSTA, Marisa V. **Caminhos investigativos**: novos olhares na pesquisa em Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- ECKSCHMIDT, Sandra. **A arte de lembrar e esquecer**: narrativas autobiográficas de professores sobre a infância. Estados Unidos: Amazon Publicações, 2014.
- EVARISTO, Conceição. **Minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra**. In: LIMA, Juliana Domingos de. *Jornal Nexo*, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2HVfnIW>. Acesso em: 30 abr. 2020.
- FLORIANÓPOLIS. **Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal**. Diretoria da Educação, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GONÇALVES, Reonaldo Manoel. **Cantadores do boi de mamão**: velhos cantadores e educação popular na ilha de santa catarina. 92fl. Dissertação de Mestrado, UFSC, 2000.
- GONÇALVES, Reonaldo Manoel. **Educação Popular e Boi-de-Mamão**: diálogos brincantes. 194fl. Tese de Doutorado, UFSC, 2006.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 1994/2013.
- JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. **Entrevista narrativa**. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002
- MAGALHÃES, Maria José. Construção do sujeito mulheres: subjetividades das vozes e dos silêncios. In: MAGALHÃES, Maria José *et al.* (org.). **Pelo fio se vai à meada**: percursos de investigação através de histórias de vida. Lisboa: Ela por ela, 2012. p. 25-51.
- MUNDURUKU, Daniel. **Em busca de uma ancestralidade brasileira**. In: *Fazendo escola*. Prefeitura de Alvorada. Secretaria Municipal de Educação, v. 2, 2002, p. 40-42.
- NÓVOA, Antônio (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto, 1992.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **A arte de contar e trocar experiências**: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. Revista Educação em Questão, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.